

**Anais do
III Seminário Eniac 2011
III Encontro Da Engenharia Do Conhecimento Eniac
III Encontro De Iniciação Científica Eniac**

ANDRAGOGIA: UM OLHAR PARA O ALUNO ADULTO.

Cimara Apostolico

Cimara Apostólico é Mestre em Comunicação e Semiótica, Profa. Pesquisadora e Orientadora de Iniciação Científica na área de Administração e Pedagogia na Graduação e Pós Graduação nas Faculdades Integradas Campos Salles - FICS e Fac. ENIAC de Guarulhos. Orienta Monitoria de Pesquisa na Oficina de Artigos da FICS.

RESUMO

Este artigo pretende destacar a importância de um ensino direcionado ao aluno adulto, não só pelo fato de adultos e crianças aprenderem de formas diferentes, mas principalmente pelas mudanças ocorridas nos últimos dois séculos e que revolucionaram a forma de o indivíduo interagir com o entorno. Essas mudanças são de ordem histórica, social e tecnológica e representam a construção de um sujeito cuja condição humana sofreu profundas modificações. Ao referirmo-nos a alunos adultos, podemos destacar diferentes públicos, todavia, nosso olhar estará voltado aos alunos do Ensino Superior que cursam instituições particulares. Palavras-chave: andragogia, educação, ensino superior, aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO.

Apesar da urgência de um ensino destinado ao público adulto, ainda não há muitos estudos a respeito da questão. Pretendemos discutir o assunto e apontar a importância de pesquisas neste segmento, especialmente pelo enfoque que é dado ao conhecimento em nossa sociedade pós-industrial. Não se tem o objetivo de buscar uma área alternativa para a Pedagogia e muito menos questionar sua competência. O objetivo é estabelecer distinção entre as formas de aprender centradas na criança e no adulto e a necessidade desse entendimento para práticas didáticas mais efetivas.

Traçaremos um breve histórico acerca da questão e entenderemos o desenvolvimento dessa ciência, principalmente pelo fato de a condição humana ter mudado significativamente, o que fez com que os

indivíduos alterassem a forma de participar do processo de construção social, histórica e tecnológica. Essa tríade requer o estabelecimento de novas reflexões frente à maneira como entendemos a aprendizagem e mais que isso, como nós, docentes, lidamos com os diferentes públicos e as variadas expectativas.

Apoiaremos nos ombros de alguns pensadores para maior compreensão desse novo sujeito agente, tentando compreender os caminhos pelos quais devemos nos imbricar para alcançar e atingir esse novo público. Neste trabalho, direcionaremos nosso olhar para o aluno do Ensino Superior dos cursos Tecnológicos e Graduação, partilhando nossa preocupação com relação à Didática empregada para ensino desse público.

2. Breve Histórico

“Peço que tudo isto não se examine com outro fim que não seja o de inquirir o que é a virtude e qual a sua essência, pois sei que, uma vez, esclarecido isto, ficará esclarecido também aquilo sobre que ambos estivemos conversando tão longamente, eu sustentando que se não pode ensinar a virtude, e tu defendendo que ela pode ser ensinada.” (Platão, Protágoras, pág. 91)

Há muitas concepções acerca de técnicas e desenvolvimento de aprendizagem discente, todavia, conforme dito, ainda há poucos estudos voltados especificamente aos alunos adultos. Também falta um olhar que contemple os aspectos afetivos, motivacionais que possam favorecer um maior envolvimento.

Ao pensarmos em educação, sabemos que essa faz parte do crescimento da sociedade, ou seja, a partir do momento em que um povo atinge certo grau de desenvolvimento, sente-se atraído por esta prática; que propicia entendimento da posição

na sociedade do indivíduo, além de favorecer tomada de decisões mais conscientes e assertivas nos diversos âmbitos de sua vida.

É indiscutível a contribuição dos gregos também neste segmento, por isso vamos começar explorando a ideia de “Paideia”, esclarecendo que não temos o objetivo de buscar um sinônimo na Língua Portuguesa para o termo, mas compreender melhor o seu uso para aplicação desse conceito voltado à aprendizagem dos adultos.

Werner Jaeger, em seu livro *Paideia*, explica-nos que não é possível utilizarmos esse termo como fio condutor para estudar a origem da formação grega, pois esta palavra aparece somente no século V a.C. e, naquele momento representava simplesmente “criação dos meninos – *pais, pai dos*” (JAEGER, pág. 18); o que implica em uso secundário com relação ao sentido que seria atribuído mais tarde: o ideal de formação constante no mundo grego (ARRUDA, pág.62).

O termo “Arete”, que de maneira simplificada significa “virtude” deve ser destacado para melhor composição de nosso diálogo. Assim ocorreu na maneira como Sócrates revestido de seu papel educador contribuiu, com os nossos tempos, pelo uso da dialética e da reflexão. Em “O Menon”, Platão, discípulo de Sócrates, procura chegar por diversos caminhos ao conhecimento da Arete. A compreensão de valentia, prudência, piedade, justiça, conclui ele, são partes de uma virtude, da virtude total, e a essência da virtude é por si mesma um saber. (Jaeger, pág.482). A Arete e a Paideia parecem caminhar juntas para a formação de um homem integral.

No final do século VI a.C. já terminando o período arcaico, surgem formas

simples de escolas. Segundo Arruda, os meninos sempre eram acompanhados por um escravo conhecido como pedagogo: “A palavra pedagogos significa literalmente ‘aquele que conduz a criança’ (pais, pai dós, “criança”: agogôs, ‘que conduz” (ARRUDA, pág.65).

Com o passar do tempo, o conceito de *paidagogos* ampliou-se, referindo-se à teoria sobre a educação, ou seja, Pedagogia. Essa concepção, inicialmente, associava-se a Paideia - em seu sentido mais amplo, visava ao preparo de um indivíduo em vários segmentos como o pentatlo (corrida, salto, lançamento de disco, de dardo e luta). O aluno fortalecia tanto o corpo como aprendia a ter domínio sobre si mesmo, já que a educação física vinha acompanhada pela destreza corporal e pela orientação moral e estética. Também era valorizada a educação musical, que incluía a expressão artística em geral. Leitura e escrita mereciam menor atenção e cuidado, mas passaram a ser valorizadas posteriormente. (ARRUDA, página 65).

Conforme podemos observar, a educação não se limitava aos bancos escolares, mas preocupava-se em formar um homem preparado para enfrentar as adversidades da vida e, especialmente, um homem capaz de perceber os aspectos estéticos que a envolviam.

Retomando ao ponto inicial de nossa discussão, entendemos que o conceito de Pedagogia está relacionado primeiramente com aprendizagem de crianças, mas isso não é suficiente para hipostasiar essa área e restringi-la ao ensino infantil e por outro lado, constata-se que a valorização do ensino de adultos tem caráter secundário, por isso a importância do conceito de Andragogia. Vogt e Alves no Artigo Revisão Teórica sobre a Educação de Jovens e Adultos para uma aproximação com a pedagogia traçam um breve histórico sobre o assunto:

O termo andragogia foi formulado originalmente por Alexander Kapp, professor

alemão, em 1833; caiu em desuso e reapareceu em 1921, no relatório de Rosenstock, sinalizando que a educação de adulto requer professores, métodos e filosofia diferenciados. Eduard Lindeman, em 1927, adotou o termo de Rosenstock e usou-o poucas vezes nos Estados Unidos. O vocábulo andragogia foi utilizado amplamente, desde a década de 60, na França, Yugoslavia e Holanda para se referir à disciplina que estuda o processo da instrução de adulto ou a ciência da educação de adulto (Nottingham Andragogy Group, 1983 in. < <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a12.htm>>. Acesso em 21 set.2011.

Malcolm Knowles tornou-se referência no assunto, após estudar distinções entre Pedagogia e Andragogia, apontando que essa representa apenas outro aspecto dos princípios da aprendizagem. Internacionalmente, a preocupação também não é tão recente; em 1949 a UNESCO realiza a primeira conferência sobre a questão:

Desde a primeira conferência sobre Educação de Adultos em 1949, a UNESCO tem trabalhado com os Estados-membros para assegurar que os adultos exerçam o direito fundamental à Educação. Em 1976, a Conferência Geral da UNESCO aprovou a Recomendação de Nairóbi para o desenvolvimento da educação de adultos, que consagrou o compromisso dos governos em promover a educação dos adultos como parte integrante do sistema educacional, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. (Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001886/188644por.pdf>>. Acesso em 21 set.2011.

Em Dezembro de 2009 foi realizada a última, a sexta conferência sobre a questão, CONFINTEA com o tema Elos Perdidos das MDGs (Metas das décadas do milênio). A discussão priorizou a importância de redobrar os esforços para reduzir o índice de analfabetismo. O primeiro compromisso estabelecido foi desenvolver “uma oferta de alfabetização que conduza à obtenção de conhecimentos, capacidades e competências funcionais e sustentáveis pelos participantes,

empoderando-os para que continuem a aprender ao longo da vida” (Disponível em: <
<http://unesdoc.unesco.org/images//001910/191054por.pdf>>. Acesso em 21 set.2011).

Conforme comentado anteriormente, Educação e Sociedade são conceitos intrinsecamente ligados, ou seja, considerando que as nações buscam manter o status de civilização, torna-se prioritária a alfabetização para que as pessoas tenham condições de inserir-se socialmente, em busca de um saber emancipatório.

3. Sobre a Andragogia

A Andragogia é a ciência que vem ao auxílio do adulto para alcançar esse saber emancipatório que se tem tratado com mais ênfase nos últimos anos. Neste sentido, a Didática precisa ser diferenciada e contemplar os aspectos do indivíduo maduro. Knowles aponta cinco premissas, a saber:

Autoconceito	Ser de personalidade dependente para um autodirigido.
Reservatório de experiência	Acumula e se transforma em um recurso crescente para aprender.
Prontidão a aprender	Torna-se orientada, cada vez mais, às tarefas de desenvolvimento de seus papéis sociais.
Perspectiva de tempo	Muda de uma procrastinação do conhecimento à imediata aplicação e orientação, sendo que a orientação da aprendizagem desloca-se de uma aprendizagem centrada nas disciplinas a uma centrada no problema
Motivação	É interna no indivíduo amadurecido

Tabela 1- Diferenciação entre crianças e adultos – baseada em Knowles, 1980:44-45

O ser adulto está preocupado com a aplicação imediata do conteúdo aprendido; o ensino deve estar centrado em situações-problema, tendo que em vista que ele precisa vislumbrar resultados em curto prazo, principalmente no que tange à capacitação profissional e que possam ajudá-lo na manutenção das necessidades primárias e secundárias, aproveitando o conceito de Maslow¹. O ensino passa a ser uma moeda de troca “mercar” – ele precisa ser finalidade, utilidade para que sinta vantagem e não sinta o que é denominado em marketing de dissonância cognitiva, que representa o arrependimento após aquisição de determinado item. Gadotti realizou uma pesquisa densa em relação ao aluno adulto que ainda não é alfabetizado, corroborando ao explicar:

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois sua “ignorância” lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente, em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado (GADOTTI.2003, pág.39).

O autor acrescenta que a Andragogia tem ensinado que “a realidade do aluno adulto é diferente da realidade da criança, mas ainda não incorporamos esse princípio em nossas metodologias (GADOTTI, 2003, pág.39)”. Por meio de nossas experiências, percebemos que

¹ Segundo Abraham Maslow as necessidades dos seres humanos estão colocadas em categorias. São elas: primárias – necessidades fisiológicas e de segurança. Secundárias – necessidades sociais, de estima e de autorrealização.

esse discurso também é aplicável ao aluno do ensino superior cuja história de vida é inseparável do ser e interfere na forma como ele recebe e interpreta o que lhe é transmitido, além, é claro da pressão e cobrança social para que desempenhem cada vez melhor suas tarefas.

Nessa sociedade informacional, conforme descreve Maria da Glória Gohn a dominação e controle são referências. A autora amplia a discussão por meio das metáforas de ondas de Alvin Tofler; “a terceira onda se baseia na substituição da força muscular pela força mental como fator de produção. Ela ultrapassa os limites da economia e da tecnologia, provocando mudanças sociais profundas, bem como mudanças culturais, morais e institucionais” (GOHN: 2008, pág.66).

Essas mudanças acarretaram valores diferentes, ou seja, o que antes estava centrado na força bruta do homem e na valorização de bens materiais como riqueza deixa de ser relevante dando lugar ao conhecimento. As competências passam por uma severa revisão, assim, a necessidade de desenvolver operações mentais cada vez mais complexas com vistas a delinear uma visão sistêmica, imaginação e criatividade, consciência dos aspectos éticos, inteligência ecológica e, principalmente, o saber-fazer “savoir-faire” (articular) são condições essenciais para aquisição da nova riqueza, mais uma vez utilizando o conceito de Pierre Bourdieu: o capital cultural². O termo “articular”

² Por recursos ou poderes, Bourdieu entende mais especificamente o capital econômico (renda, salários, imóveis), o capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), o capital social (relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas) e por fim, mas não por ordem de importância, o capital simbólico (o que vulgarmente chamamos prestígio e/ou honra). SETTON, Maria da Graça Jacinto. Disponível em: <<http://renatadbc.web.officelive.com/Pierrebourdieu.aspx>>. Acesso em 24 set.2011

foi selecionado propositadamente, uma vez que ‘o saber precisa culminar em competências’, ou seja, de nada adianta uma sociedade repleta de indivíduos obesos de cognição, imaginação etc, que não conseguem colocá-los em prática. E, sobretudo, fazê-lo de maneira eficiente e eficaz.

Nessa breve passagem, em que podemos inferir a mudança da condição do homem e de seus valores, entendemos que a educação relacionada a Paideia e Arete deveriam ocupar seu lugar dentro do sistema educacional, visando alcançar resultados mais consistentes, permeados pela formação integral e virtude.

4. Plasticidade cerebral

Mas, o ágon entre homem e conhecimento não é tão simples de desenlear; o homem é um ser dialético-histórico, de construção e desconstrução frequentes. O estudante adulto não é uma folha em branco³, ele já vem com uma bagagem, que se por um lado é base para dar significado ao aprendizado, por outro, torna-se limitante, pois crenças, condicionamentos impedem a revisão de ações enraizadas, restringindo seu crescimento. Reiterando o que já foi dito, as exigências atuais requerem a revisão de alguns conceitos, conforme podemos compreender com Makeliny Oliveira.

O primeiro é o da inteligência, que durante décadas acreditou-se ser imutável e mensurável, ou seja, o ser já nascia com um nível de inteligência determinado. De maneira

³ Comenius em seu livro *Didactica Magna* comenta sobre a importância de iniciar a Educação desde cedo, quando, segundo ele a mente ainda não foi ocupada, principalmente por preconceitos e valores mundanos (COMENIUS, 1621-1657, pág. 35)

reducionista, o entendimento da inteligência como dom.

O segundo conceito é o de criatividade, que era considerado como sendo ferramenta de alguns privilegiados. O terceiro é o de memória, que era tida como um receptáculo cujo objetivo era acumular informações.

Sem a consideração de que o homem também aprende socialmente, conforme o meio em que está inserido, não é possível sobrepujar esses equívocos. O conceito de plasticidade cerebral precisa ser considerado, pois o homem tem condições de aprender, independente de sua idade e o conceito inclui o aspecto biológico:

Atualmente com o avanço dos estudos dos neurocientistas, descobriu-se que o conceito de inteligência como algo imutável não condiz com a realidade humana. Dessa forma, esse conceito foi reformulado, pois se acredita que é na vivência que o homem vai se constituindo e se transformando, podendo mudar não só o meio sociocultural em que vive, mas também o biológico (plasticidade cerebral). Assim, a inteligência é compreendida atualmente como um processo dinâmico, construído na interação do sujeito com a cultura, e pode ser desenvolvida independentemente da idade da pessoa. (OLIVEIRA, pág. 65).

É compreensível limitar o conceito de ensinar a mera transposição de conteúdos ao aluno, quando partimos do pressuposto inatista, considerando que o aluno já tem condições de aprender e principalmente, nessa concepção, o aluno é o responsável pelo próprio aprendizado. Não vamos entrar na discussão de responsabilidades, mas apenas aproveitar a ideia para poder aprofundar um pouco mais a questão. Vejamos, se o aluno é responsável pelo próprio aprendizado – ao professor cabe o papel informativo. Nesse sentido, o aluno que quiser, tiver interesse e principalmente condições cognitivas para acompanhar obterá

sucesso; os demais, portanto, serão excluídos do processo, pois nasceram sem o “dom”. Apesar da obviedade, muitos de nós temos agido dessa maneira com nossos alunos, funcionários e inclusive pessoas próximas a nós.

Considerando que o outro não consegue entender o que estamos tentando transmitir. É raro alguém assumir que não sabe se comunicar adequadamente, que entende as informações de maneira distorcida, que é necessário verificar com mais profundidade o assunto. O que é muito comum ouvir é “Não falou coisa com coisa”, ou “não disse nada com nada”, entre outros ditos populares a respeito do tema. Alguns generalizam afirmando que o ser humano é assim mesmo, como se todas as experiências fossem similares e passassem pelos mesmos processos de desenvolvimento durante a vida de todo ser vivo. Nesse sentido, deve-se indagar como ficam as representações das pessoas. A capacidade simbólica, a idiosincrasia – que é a forma que cada um tem de significar o seu mundo particularmente, não interfere na sua percepção dos objetos? Considerando as discussões, levantam-se então alguns questionamentos: - Tudo tem a mesma representação o tempo todo para os diversos indivíduos? Sem saudosismo, mas retorno à questão, - Como fica a questão da criatividade e da arte?

5. Professor-Gestor

Dentre as necessidades de nossa sociedade citamos a busca por constante atualização profissional e uma das formas de fazê-lo é cursando o ensino superior: tecnológico ou graduação. O aluno que

ingressa em um desses cursos, não necessariamente atua na área escolhida, por isso, a figura do professor é representativa para aproximar os conceitos teóricos e práticos. O professor é um especialista na sua área de atuação e possui pleno domínio dos conteúdos, todavia, não é mais possível considerar que o conhecimento, a erudição do mestre é suficiente para o entendimento do aluno.

Muito se tem estudado sobre a Didática, derivada do grego *didaktiké*, que tem o significado de arte de ensinar e também está relacionada ao termo *techné* – prática e como ela pode favorecer as práticas em sala de aula. No entanto, o estudo das técnicas só será válido a partir do momento em que houver uma reflexão por parte do grupo docente sobre sua aplicação em suas práticas. Essa questão, entretanto, nem sempre é bem vista, pois alguns têm dificuldades em lidar com autoavaliações e principalmente, rever paradigmas.

Apesar de o aluno adulto aprender diferente da criança, é preciso esclarecer que ele precisa do professor para intermediar o entendimento dos diferentes conteúdos. Se não fosse assim, poderíamos mudar o sistema de educação, de forma que o aluno só se deslocasse até a faculdade para realizar as avaliações. Assim, a didática é fundamental para facilitar a compreensão do que se pretende alcançar.

As estratégias de ensino-aprendizagem precisam ser conduzidas consciente e eficazmente. Ainda há muitas dificuldades neste sentido, pois a utilização, por exemplo, de dinâmicas em sala de aula, pode caracterizar para o aluno despreparado como forma de passar tempo. Há também

uma tendência a limitar dinâmica ao aspecto motivacional, sendo pode até ter este enfoque, mas não se limita a ele, assim é necessário verbalizar objetivos a serem alcançados, aplicações da dinâmica em outros âmbitos, associação da dinâmica com o conceito que está sendo trabalhado etc.

O planejamento sistêmico da aprendizagem é o ponto-chave para evitar improvisações dispersivas, sem ordem e para que esse seja bem realizado são necessários critérios que incluem revisão do programa utilizado, bibliografias atualizadas, fixação dos objetivos, avaliação diagnóstica para saber o estágio em que o aluno está, evitando desta forma apriorismos e re-planejamento, se for o caso. Também devem ser consideradas as demandas sociais para que o aluno não aprenda dissociado do uso prático, assim, problemas reais ou ainda a representação desses problemas compõem o aprendizado.

Hoje com tanta tecnologia que alteraram a maneira de apreensão dos saberes – os sistemas estão complexos e dinâmicos, diversificando as opções tornando-as mais atraentes que a aula expositiva do professor, esse é um agravante que exige uma revisão urgente – como compartilharemos esses saberes com os alunos adultos?

Ao se estabelecer uma analogia com produtos, pode-se afirmar que o conhecimento tem uma vida útil relativamente curta, requer frequentes atualizações e velocidade. Por outro lado, as pessoas lidam com a dificuldade em administrar o tempo, que parece cada vez mais limitado, forçando-as a repetir etapas, irrefletidamente e pode-se pensar que isso significa uma possibilidade de se acumular dificuldades, cujas soluções requerem mínimas intervenções, que não são realizadas.

Lembrando que grande parte dos indivíduos, ao longo da história, sempre tiveram dificuldades em rever os paradigmas – uma tendência à acomodação, em manter-se na zona de conforto, que é um caminho, mas que pode impedir, por exemplo, que se trabalhe com práticas mais atrativas para o aluno.

A estratégia de ensino-aprendizagem contribui efetivamente para a apreensão dos saberes, ou seja, representa o ‘como o professor oferecerá ao aluno oportunidade para estruturar o conhecimento’.

Um elemento que favorece a estratégia é a criatividade, que conforme comentado, não é privilégio de poucos, mas pode ser desenvolvida à medida que houver um propósito a utilizá-la. Todos lucram quando se descobrem meios de facilitar o aprendizado para os alunos. Não só pela gratificação dos professores em vê-los aprendendo, e se sentindo mais competentes, melhorando a sua autoestima, e a projeção de uma imagem positiva reforçada. Em síntese, há uma substancial melhora em termos da auto percepção e auto respeito, dos alunos e dos indivíduos que os cercam.

Dentre as técnicas para se atingir esse patamar de crescimento, pode-se citar: tempestade cerebral, grupos de verbalização, painéis, simpósios, seminários, debates, estudos de casos, dramatizações, oficinas, dinâmicas, excertos de textos para discussão etc. Recursos como filmes, músicas, histórias em quadrinhos também fazem parte dessas técnicas e devem ser usados com coerência. Lembrando que a técnica apoia a estratégia e isso significa que não é simplesmente trazer o filme, a música, fazer os simpósios ou a dramatização, ambos deverão ser

acompanhados com o apoio da proposta maior que é o aprendizado.

Esse propósito não deve ser perdido de vista, portanto, o professor precisa aprender a ser um gestor. Gestar a sala de aula é uma tarefa complexa, o profissional deve possuir algumas características de liderança educacional como envolvimento.

Um dos papéis da gestão é a capacidade de envolver-se - essa capacidade implica em reconhecer que as questões nem sempre estão claras e não são óbvias, e é necessário intervir para que elas se esclareçam e sejam solucionadas. Há muitos problemas em sala de aula que não são trazidos à superfície. É comum nas dinâmicas cotidianas na sala de aula que diante dos conflitos quando os alunos reclamam a respeito de determinado item, nem sempre eles expressam as causas. Dessa forma as raízes ficam camufladas, sendo que os próprios alunos podem não ter a consciência a respeito delas. O papel do líder que desenvolve o envolvimento é buscar um aprofundamento do envolvimento e evitar que a situação de insatisfação se agrave.

O envolvimento também se relaciona à mediação, ou seja, fazer com que alunos tenham bons relacionamentos interpessoais. O grupo precisa ter um laço forte para finalizar o curso. Em outras palavras, o aluno que se sente isolado acaba desistindo da jornada. O bom-senso também participa desse item, pois a postura do professor é avaliada o tempo todo, assim pequenos detalhes como cuidar do vocabulário, evitar generalizações, reducionismos ou crenças ultrapassadas favorecerem a imagem profissional. A imparcialidade é sempre favorável, pois não é postura adequada na sala o professor

manifestar preferências por grupo de alunos. Naturalmente, que é do ser humano tem a tendência a preferir um indivíduo a outro; conforme explica o efeito halo (antipatia gratuita por uma pessoa só de olhar a primeira vez) e a identificação (encantamento gratuito só de olhar a primeira vez) por isso a cautela deve permear as relações do professor com o aluno. Julgamentos e preconceitos também se somam a esse olhar. Quando um aluno tem preconceito em relação ao colega – todos relevam, mas se o professor agir dessa maneira, ele será alvo de avaliações negativas, inclusive por parte do aluno que seja o precursor dos preconceitos. Envolver-se, portanto, não significa agir como o aluno. O professor deve se lembrar do papel-gestor.

Outro papel do professor é o de construtor de aprendizagem – não simples transmissor de conteúdo. Essa construção é compartilhada, ou seja, o professor-gestor precisa motivar o aluno por meio de estratégias diversas, por exemplo, situações-problemas que estimulem o indivíduo em busca de uma solução. As pessoas precisam ter desafios que sejam possíveis de solucionar e promovam crescimento individual. O ensino é coletivo, mas a aprendizagem é individual – não é possível assumir a premissa de que todos que cursam o Ensino Superior têm os mesmos níveis de entendimento.

A avaliação deve ser elaborada cuidadosamente para que não seja a medição do quanto o aluno aprendeu, mas que aponte para o caminho do que ainda precisa ser ensinado para que ele alcance os objetivos propostos.

O conceito de paradigma também precisa ser mencionado, pois há um reducionismo em seu uso, catalogando como

padrão, referência, base etc, quando de fato há toda uma base científica e que deve nortear a condução do professor, ou seja, não é possível professores técnicos contarem o dia de trabalho e negligenciarem os conceitos – precisamos associar prática e teoria.

A sociedade hoje tem escolha. Professores podem discutir assuntos antes considerados tabus ou formas de expressão subversivas como ideologias e seus aparatos, teorias de Darwin, sistemas políticos, corrupção etc. Não seremos envenenados com cicuta ou queimado na fogueira por difundir ideias, mas precisamos lembrar que estamos diante do capital cultural do outro, que é o intelecto, por essa razão é sempre importante pesquisar, analisar, planejar para não transmitir um vírus, danificar a memória ou o hardware do nosso aluno.

Existem muitas características não mencionadas do professor-gestor, mas por ser nosso propósito falar a respeito da aprendizagem do aluno adulto deixamos a cargo do leitor essa reflexão. E além disso devemos pensar:

Mais que nunca temos auxílio da tecnologia a nosso auxílio. O que temos feito?

Alguns reclamam por trabalhar em instituições que não têm equipamentos, data shows e por isso afirmam que a qualidade de suas aulas fica comprometida. Todavia, o que fazem quando o recurso se torna disponível? Utilizam-no da mesma forma que o fariam com a tradicional e boa lousa? Esses recursos têm favorecido um novo olhar na sala de aula e a aplicação de novas práticas?

Os professores estão preparados para lidar com os alunos “ter”? As simples decisões causam inquietação como escolher entre uma instituição e outra. Suponha que você esteja

desempregado – a empresa A oferece uma oportunidade de trabalho com vários benefícios. Que gratificante, não! Na mesma tarde em que você deve levar os documentos para finalizar a contratação, você recebe um telefonema informando o quanto você é imprescindível para trabalhar na empresa B, analisaram o seu currículo e sem hesitar concluíram que você é o profissional que desejam, oferecem os mesmos benefícios e a possibilidade de rápida ascensão em direção a uma carreira brilhante. Agora imagine que surjam mais duas ou três opções. É possível afirmar que quanto mais opção mais fácil para decidir? É importante lembrar que a situação depende das várias questões envolvidas no processo e, principalmente do impacto que cada ato decisório causará na vida daquele que decide. Os alunos são essas várias empresas e, pensando um pouco além, as decisões que os professores tomam em sala de aula podem afetar o futuro dessas microempresas. Pode-se ajudá-los a ser mais reflexivos. Mas será que o professor está preparado para lidar com esses indivíduos com trajetória de vida, origem e possibilidades tão diversas?

Considerações finais

É sabido da importância em estabelecer bases consistentes para formação do público infantil, apesar disso insiste-se que enquanto não for possível alcançar o patamar esperado nas séries iniciais, deve-se continuar a jornada e investir no público adulto. A esse se propicia formação que esteja além do tradicional banco escolar, atendendo as necessidades individuais que auxiliem a sociedade como um todo. Mais uma vez reitera-se que a educação precisa ser vista

além de uma escolarização voltada apenas a aspectos cognitivos. O indivíduo precisa ter formação integral ou holística, termo difundido na atualidade, para saber o que fazer com o conhecimento adquirido.

A Andragogia deve, urgentemente, ser estudada em sua complexidade, para que possamos encontrar caminhos de aprendizagem mais favoráveis ao indivíduo adulto, considerando sua subjetividade, pois o pilar que sustenta a sociedade é a Educação, por essa razão, ela não deve estar voltada apenas a aspectos relacionados à memorização de informações e/ou que se solte para questões de ordem meramente estruturais.

Propiciar condições para formação de um indivíduo integral é considerá-lo como agente no processo de construção e reconstrução, um ser capaz de avaliar e rever seus valores, de perceber-se como parte do sistema e, principalmente agir de maneira imparcial.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, M. L. A. História da Educação e da Pedagogia. 3ª.ed. São Paulo, Moderna: 2008.
- COMENIUS, João Amós. Didactica Magna: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO José E. (Org.) Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 6ª.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. Didática do Ensino Superior. São Paulo: Atlas, 2011.
- GOHN, M G. Educação não-formal e cultura política. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LIBÂNEO, J C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5.ed. Goiânia, 2004.
- NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. Aprendizagem do aluno adulto: implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: Ibpex, 2009.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas

lógicas. Porto Alegre: Artmed. 1999.

PIMENTA, S. G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo, Cortez, 2009.

PIMENTA, S. G; GHEDIN, Evandro. (Org.).

Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2006. Augusto Guzzo Revista Acadêmica 129

SCHÖN, Donald. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto alegre: Artmed, 2000.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Art, 1998.

SITES: UNESCO. Disponível em:

http://unesdoc.unesco.org/images/0018/00186/188644_por.pdf em: 21/09/11.

UNESCO. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001910/191054por.pdf> em 21/09/11.

VOGT, M. S. L, ALVES, E.D. Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a Andragogia. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a12.htm>>. Acesso em: 21 set.2010.

SCHÖN, Donald. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto alegre: Artmed, 2000.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. Sites:

Sites: UNESCO. Disponível: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/00186/188644pdf>> Acesso em: 21/11/10.

UNESCO. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001910/191054por.pdf>>. Acesso em: 21/10.

VOGT, M. S. L, ALVES, E.D. Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a Andragogia. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a12.htm>>. Acesso em: 21 set.2010.

Augusto Guzzo Revista Acadêmica GOLD, 2008:8.